

PARTE 3 – BRASIL

Conjuntura Econômica do Brasil

A economia brasileira segue em processo de forte retração. No acumulado ao longo do ano 2016 (primeiro semestre), o PIB apresentou recuo de 4,6% em relação ao mesmo período de 2015, conforme publicado pelo IBGE (**Tabela 1**). São 9 trimestres seguidos de taxas negativas de crescimento do PIB (**Ilustração 35 e 36**).

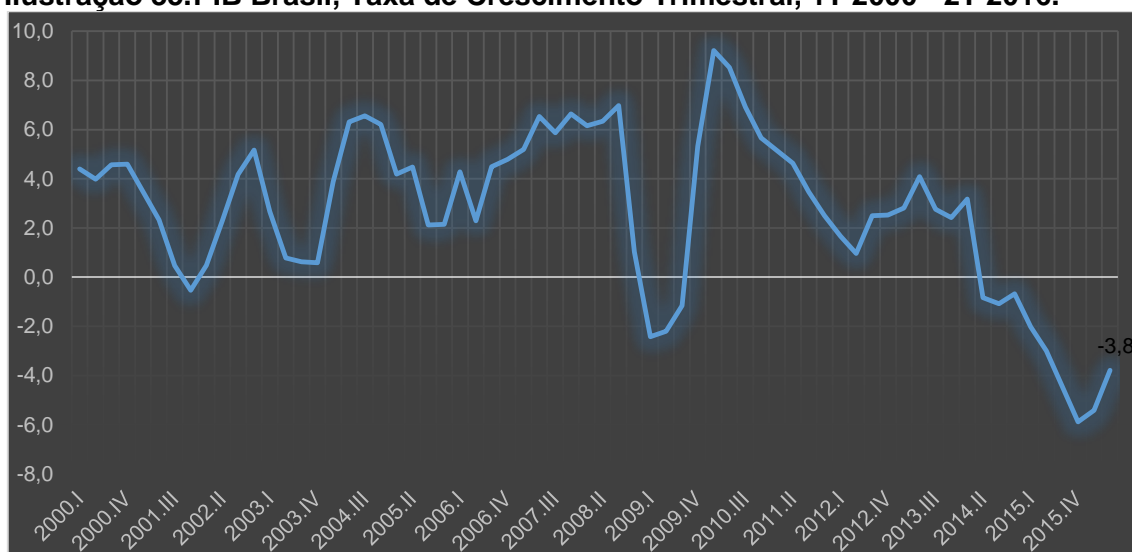
Tabela 1. Variações Percentuais do PIB Trimestral do Brasil, 1T 2015 a 2T 2016.

	Trimestre / trimestre anterior (com ajuste sazonal)	Trimestre / mesmo trimestre do ano anterior	Acumulado ao longo do ano / mesmo período do ano anterior
1ºT 2015	-1,0	-2,0	-2,0
2ºT 2015	-2,3	-3,0	-2,5
3ºT 2015	-1,5	-4,5	-3,2
4º T 2015	-1,3	-5,9	-3,8
1ºT 2016	-0,4	-5,4	-5,4
2ºT 2016	-0,6	-3,8	-4,6

Fonte: IBGE. Contas Nacionais Trimestrais, agosto/2016.

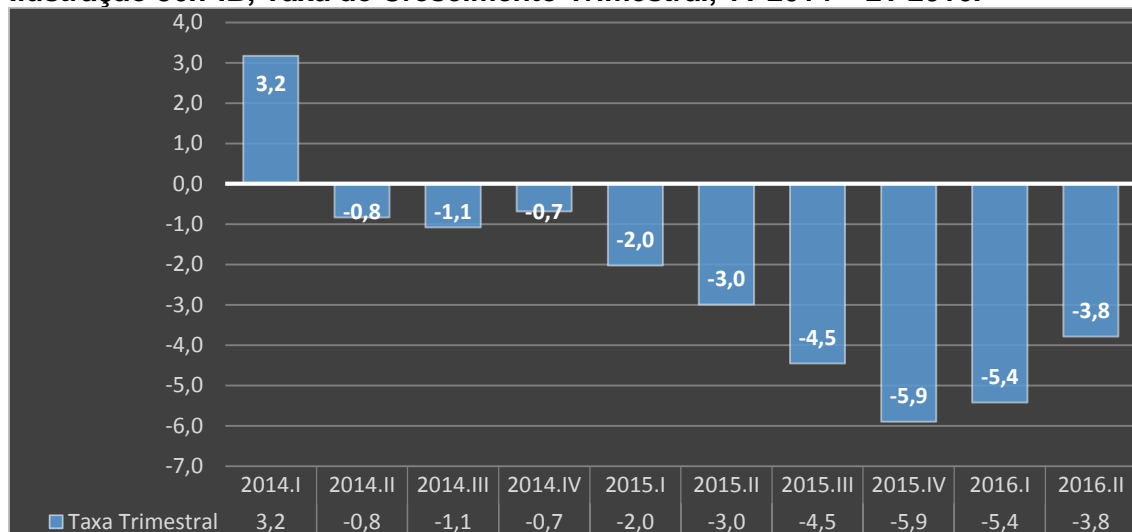
Atividade Econômica em Agregados – PIB

Ilustração 35. PIB Brasil, Taxa de Crescimento Trimestral, 1T 2000 - 2T 2016.



Fonte: IBGE. Contas Nacionais Trimestrais, agosto/2016.

Ilustração 36. PIB, Taxa de Crescimento Trimestral, 1T 2014 – 2T 2016.



Fonte: IBGE. Contas Nacionais Trimestrais, agosto/2016.

Dívida Pública, Agregados Monetários, Juros, Crédito e seus Efeitos sobre a Renda e o Emprego

Déficit Nominal

O déficit nominal do governo geral alcançou no acumulado de Janeiro a Junho de 2016 197 bilhões de Reais, aproximadamente 6,53% do PIB. No acumulado dos 12 meses anteriores, essa cifra alcança 9,96% do PIB. Em linhas gerais, isso significa que, o total que o governo arrecadou em tributos, não foi o suficiente para cobrir suas despesas.

Dívida Bruta do Governo

Como mensalmente o governo gasta mais do que arrecada sua dívida bruta alcançou em Junho de 2016, a quantia de 4,1 trilhões de reais, o equivalente a 68,5% do PIB.

Agregados Monetários

Para manter as atividades correntes o tesouro nacional, continua em sua política de emissão de títulos públicos da dívida. Os títulos públicos se encontram nos agregados M3 e M4 (boa parte tem remuneração atrelada a SELIC ou IPCA).

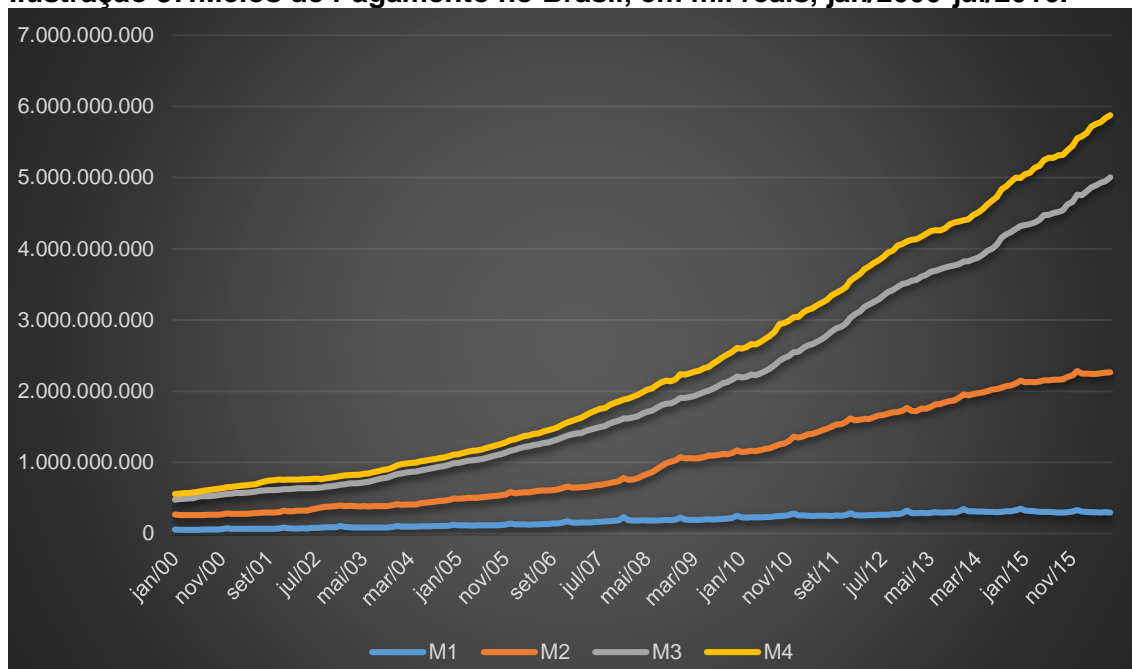
A **Ilustração 36** é bastante elucidativa, pois se verifica a perda da velocidade (M1¹ e M2²) de inserção de moeda na economia real, o que reduz a elevação dos preços (taxa de inflação). No M2 é possível verificar o crescimento exponencial desse agregado monetário em 2008. Já em 2016, vê-se como a expansão é praticamente nula. No M1, é possível verificar a retração no volume de crédito na economia desde 2015, isso na

¹Segundo o Banco Central do Brasil em relação aos agregados monetários, o M1 é gerado pelas instituições emissoras de haveres estritamente monetários, ou seja, “papel moeda em poder do público + depósitos à vista”.

²O M2 corresponde ao M1 e às demais emissões de alta liquidez realizadas primariamente no mercado interno por instituições depositárias - as que realizam multiplicação de crédito, ou seja, “M1 + depósitos especiais remunerados + depósitos de poupança + títulos emitidos por instituições depositárias”.

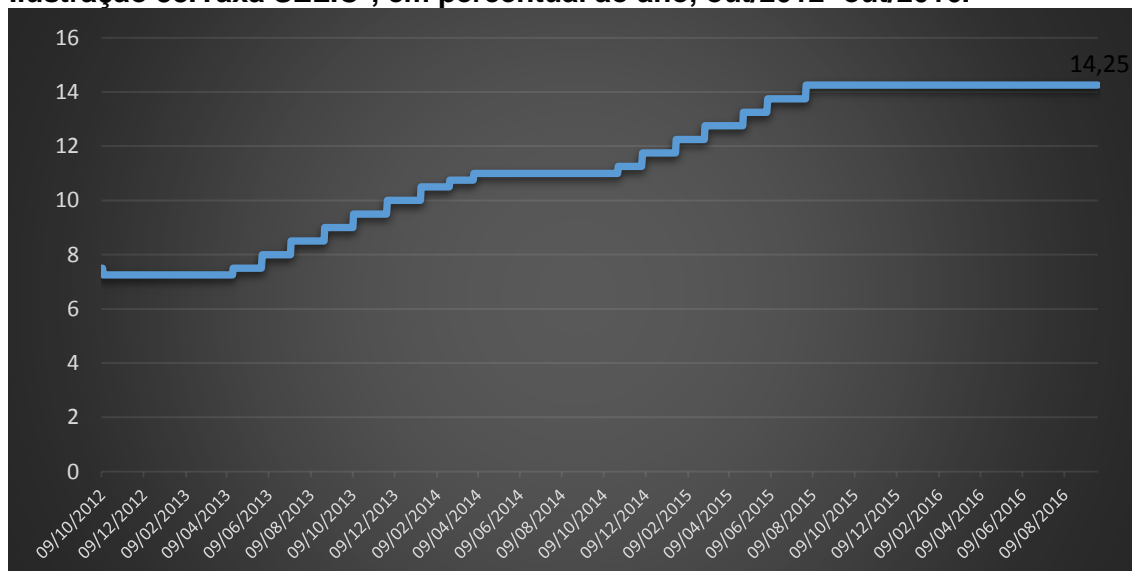
prática significa baixo consumo e baixo investimento. Entretanto, é possível visualizar como o governo continua a inundar o sistema financeiro com títulos (M3³ e M4⁴) a fim de se financiar (por conta de seus déficits) o que inevitavelmente é uma ação inflacionária.

Ilustração 37. Meios de Pagamento no Brasil, em mil reais, jan/2000-jul/2016.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2016.

Ilustração 38. Taxa SELIC*, em percentual ao ano, out/2012 -out/2016.

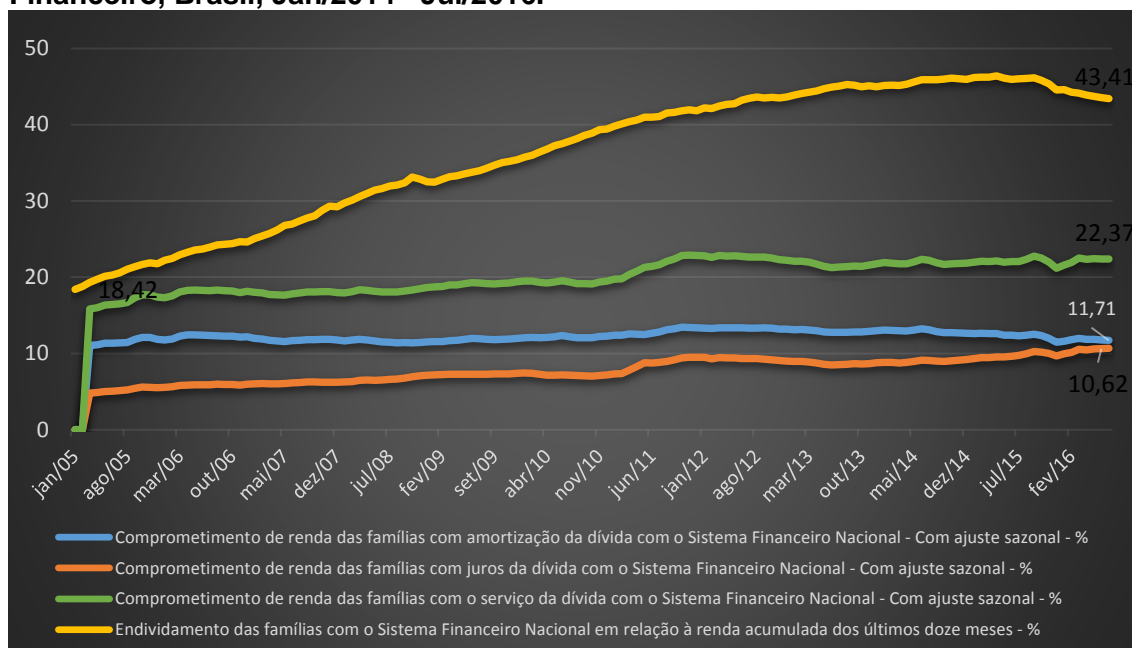


Fonte: Banco Central do Brasil, 2016. * Meta definida pelo Comitê de Política Monetária - Copom.

³O M3 é composto pelo M2 e captações internas por intermédio dos fundos de renda fixa e das carteiras de títulos registrados no Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic), isto é, "M2 + quotas de fundos de renda fixa + operações compromissadas registradas no Selic".

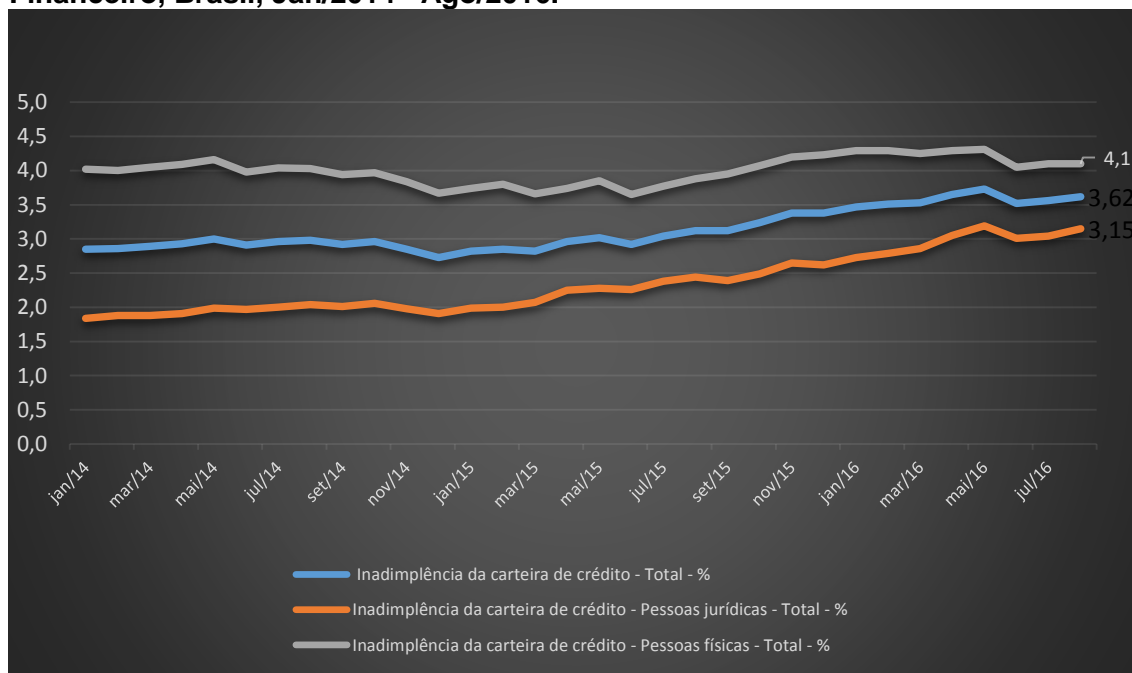
⁴O M4 engloba o M3 e os títulos públicos de alta liquidez.

Ilustração 39. Comprometimento e Endividamento das Famílias com o Sistema Financeiro, Brasil, Jan/2014 –Jul/2016.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2016.

Ilustração 40. Taxa de inadimplência das operações de crédito do Sistema Financeiro, Brasil, Jan/2014 –Ago/2016.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2016.

Ilustração 41. Saldo das Operações de Crédito do Brasil, em milhões de reais, 2012-2016.

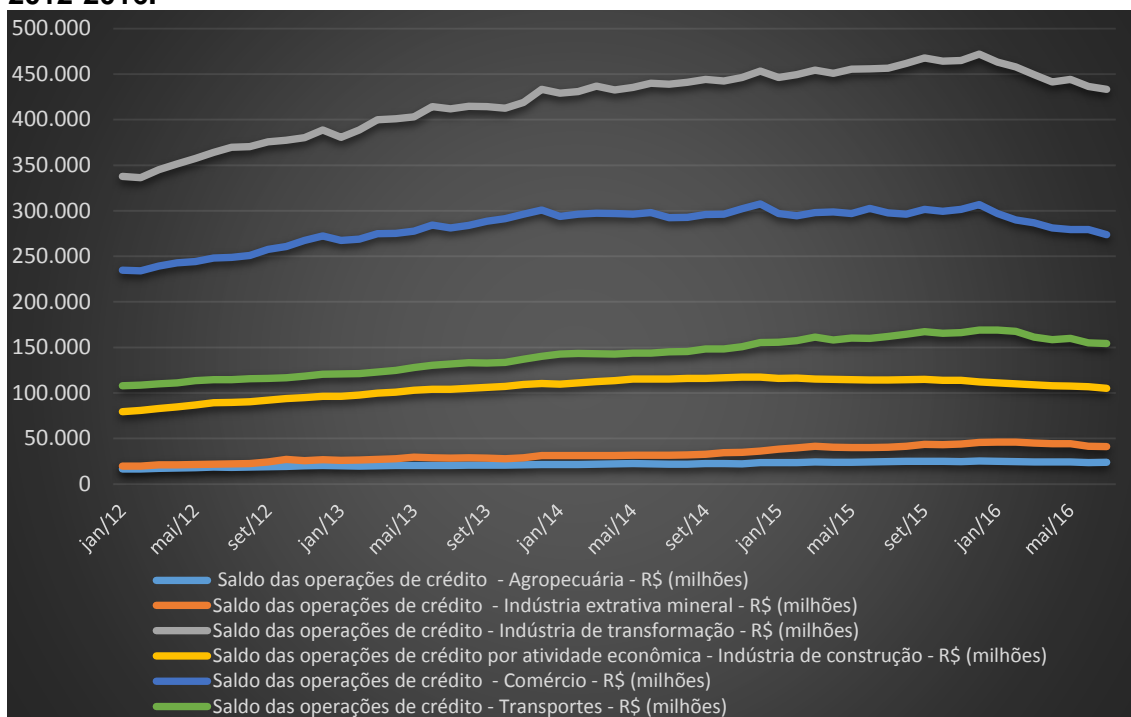
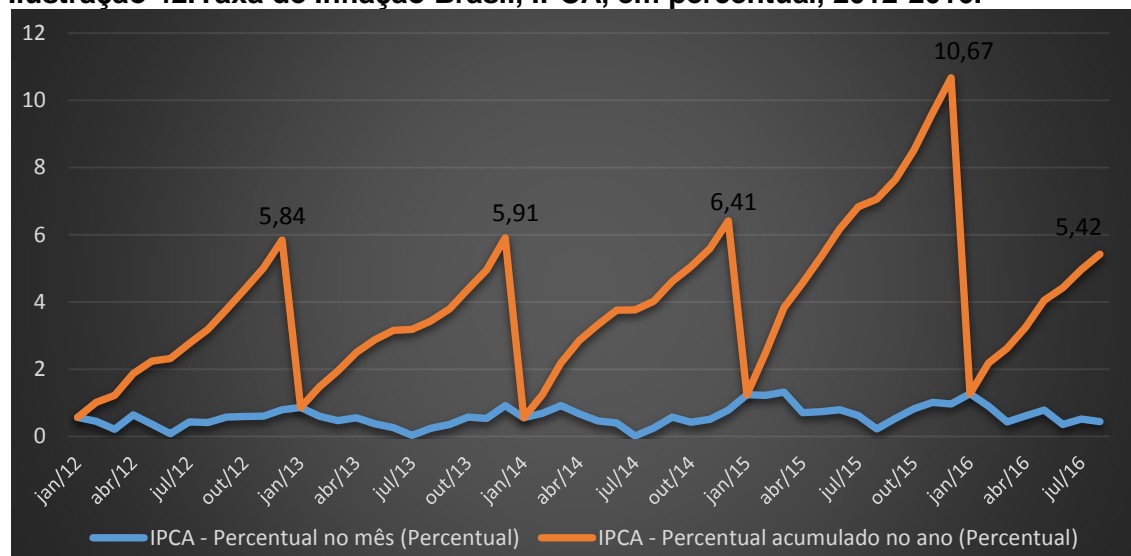


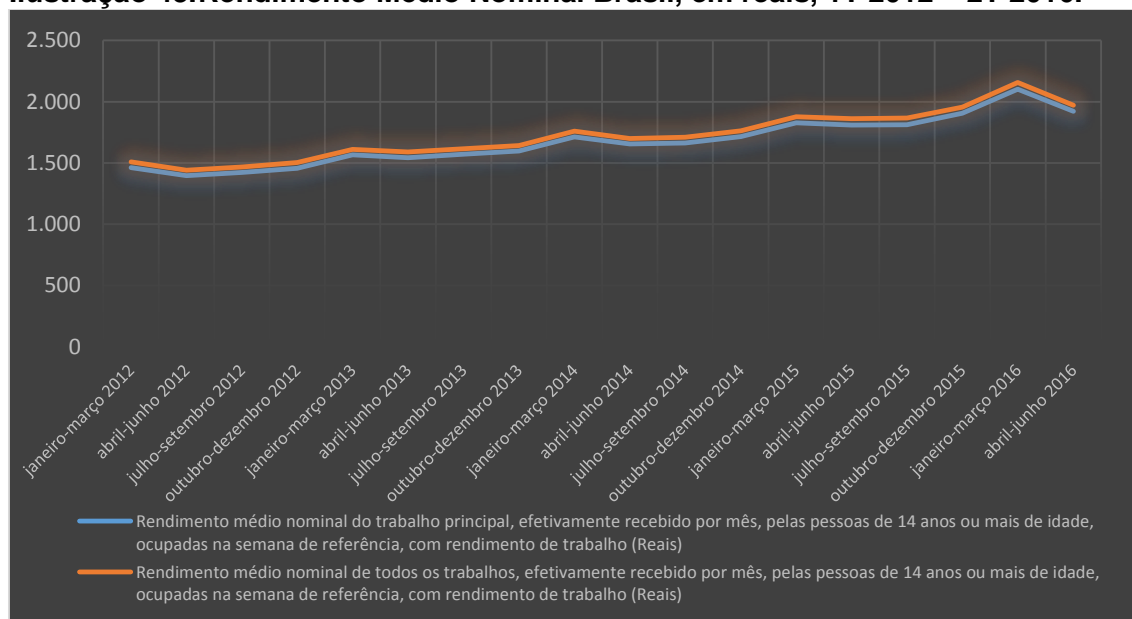
Ilustração 42. Taxa de Inflação Brasil, IPCA, em percentual, 2012-2016.



Como já explanado, o volume financeiro retraíndo-se, faz com que os preços tendam a perder velocidade de crescimento (2016), pois os trabalhadores e investidores estão comprando e investindo menos (**Ilustração 40**), diminuindo a quantidade demandada dos fatores de produção. Isso de modo nenhum significa uma melhoria econômica para os trabalhadores, pelo contrário, significa que estes tendo a renda estagnada ou diminuída (**Ilustração 42**) e ainda, em pior situação, desempregados (**Ilustração 43**), passam por grandes dificuldades para se manterem devido sua restrição financeira, causada pelas ações político-ideológicas sobre a economia.

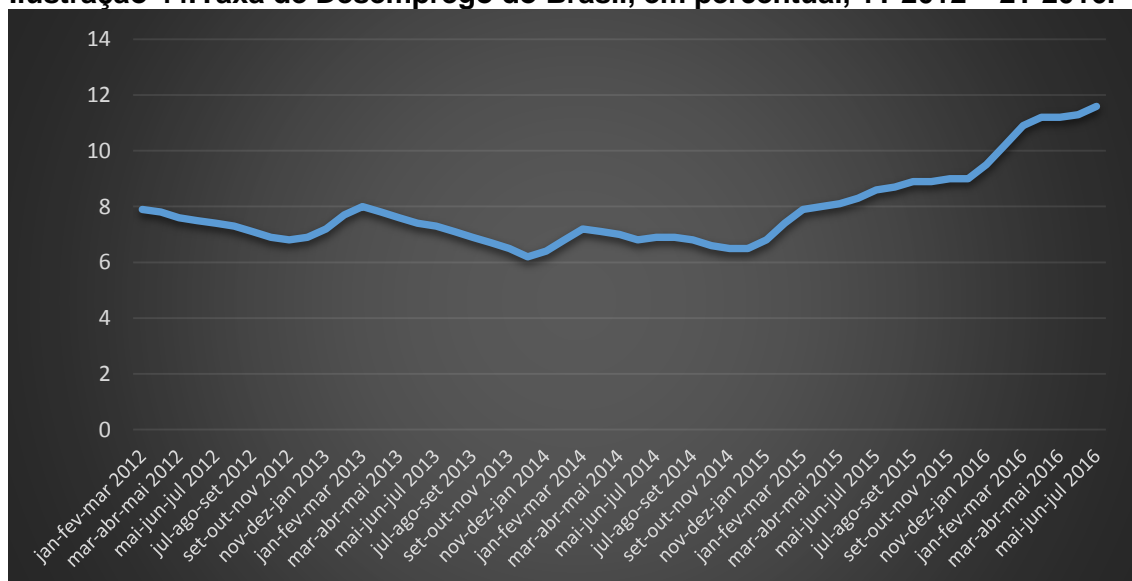
Ressalta-se que os preços e o desemprego (**Ilustração 41 e 43**) continuam se elevando, apenas estão crescendo em velocidade menor e, por fim, a renda tem diminuído.

Ilustração 43. Rendimento Médio Nominal Brasil, em reais, 1T 2012 – 2T 2016.



Fonte: IBGE, PNAD Contínua, 2016.

Ilustração 44. Taxa de Desemprego do Brasil, em percentual, 1T 2012 – 2T 2016.



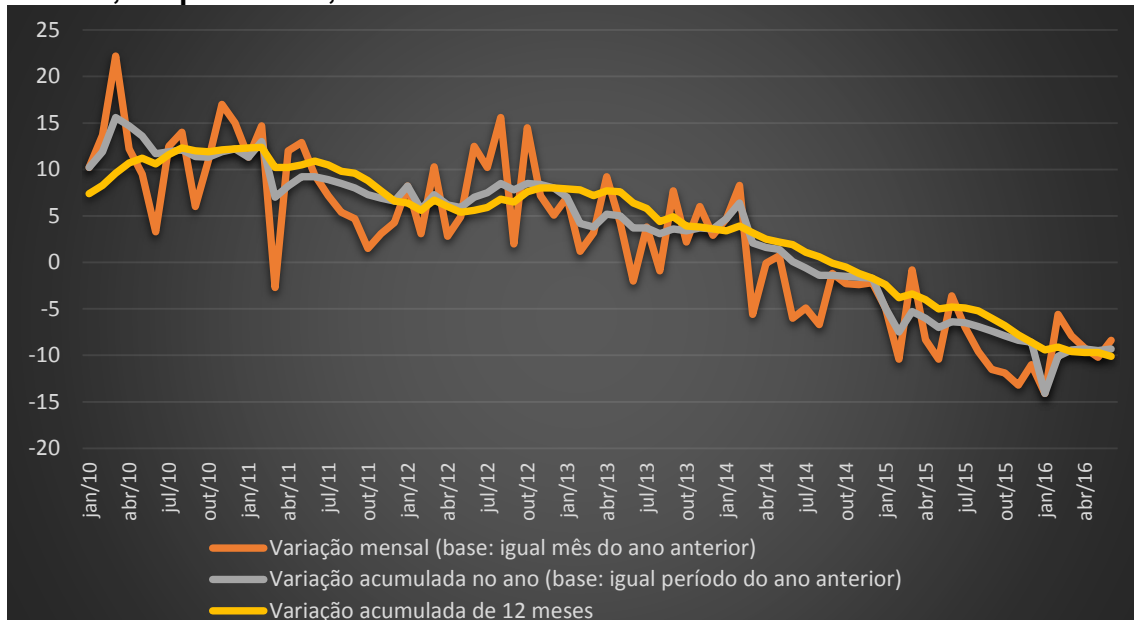
Fonte: IBGE, PNAD Contínua, 2016.

Consumo Básico - Comércio e Serviços

Em função do aumento dos preços, elevação do desemprego e retração da renda o consumo básico se encontra em taxas negativas, ou seja, o volume e a quantidade de vendas no comércio consequentemente têm diminuído, não obstante os preços maiores, as receitas nominais também têm se retraído (**Ilustração 44 e 45**).

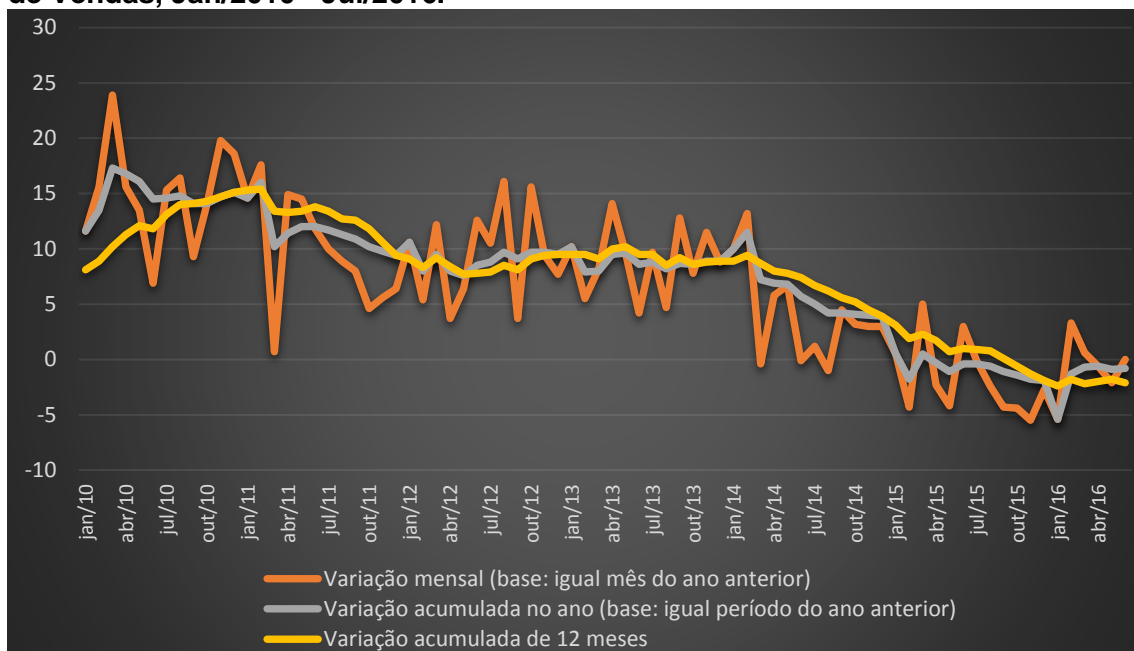
Assim como o comércio tem se retraído, a busca por serviços também segue a mesma direção, tanto em receita quanto em volume (**Ilustração 46 e 47**).

Ilustração 45. Comércio Varejista Ampliado* do Brasil, Variação do Volume de Vendas, em percentual, Jan/2010-Jul/2016.



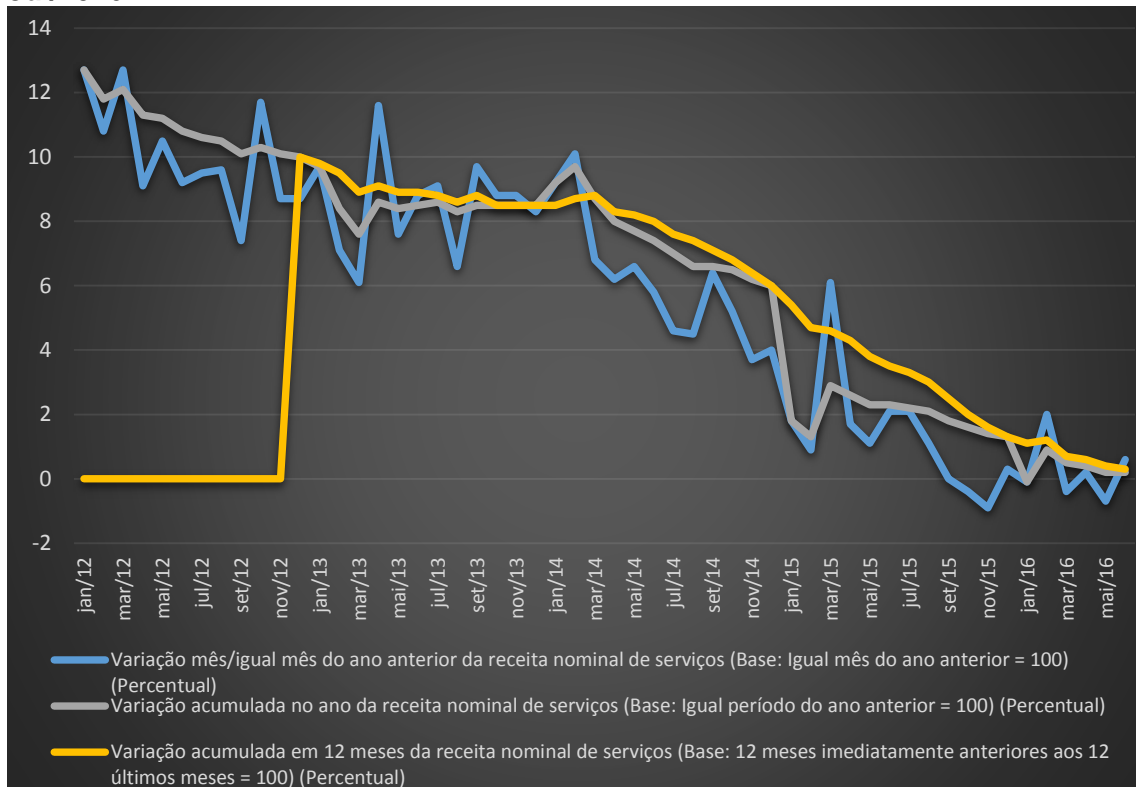
Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal do Comércio, junho/2016. *Inclui as atividades "Veículos, motocicletas, partes e peças" e "Material de construção".

Ilustração 46. Comércio Varejista Ampliado do Brasil, Variação da Receita Nominal de Vendas, Jan/2010 - Jul/2016.



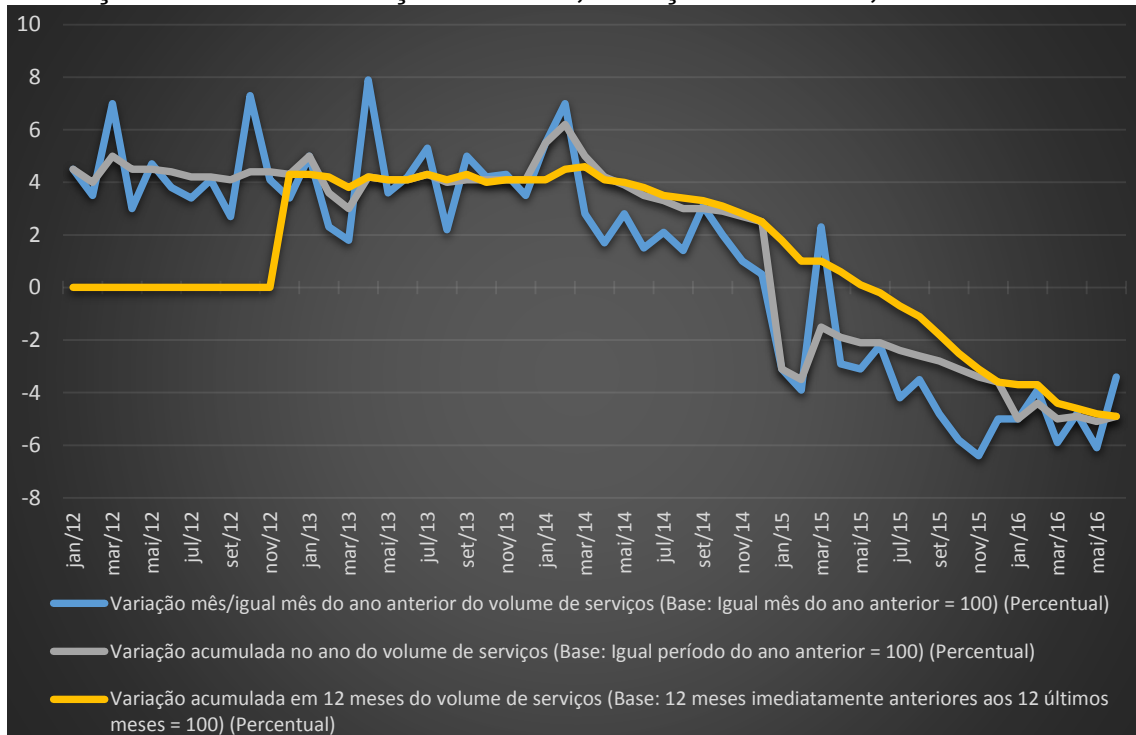
Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal do Comércio, junho/2016.

Ilustração 47. Setor de Serviços do Brasil, Variação da Receita Nominal, Jan/2012-Jul/2016.



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços, junho/2016.

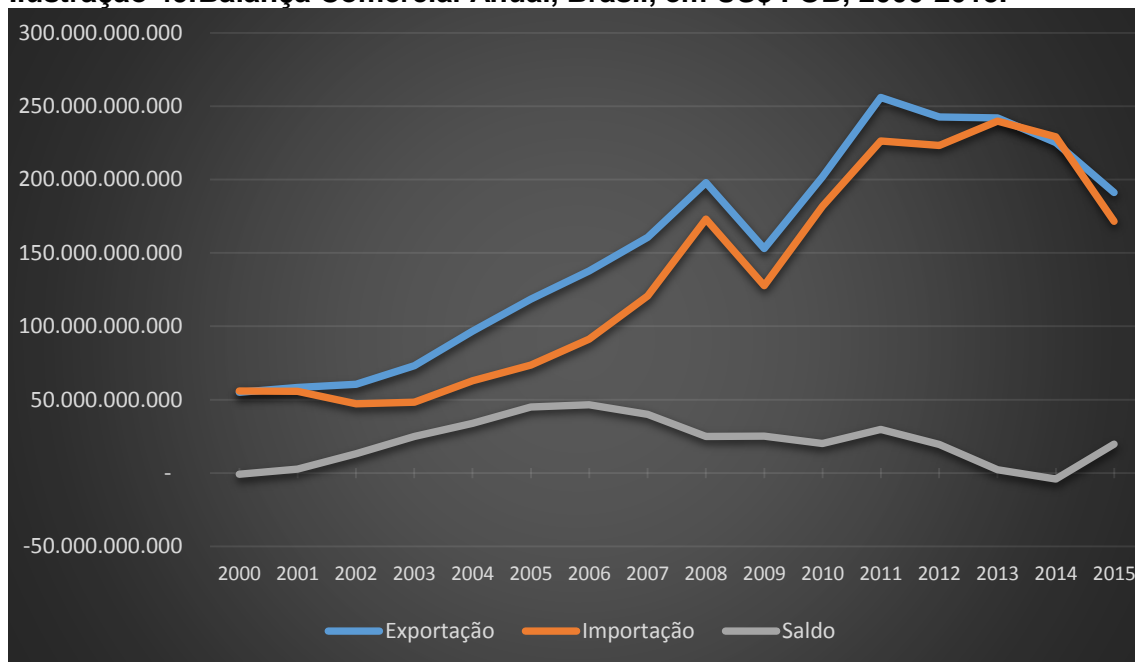
Ilustração 48. Setor de Serviços do Brasil, Variação de Volume, Jan/2012-Jul/2016.



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços, junho/2016.

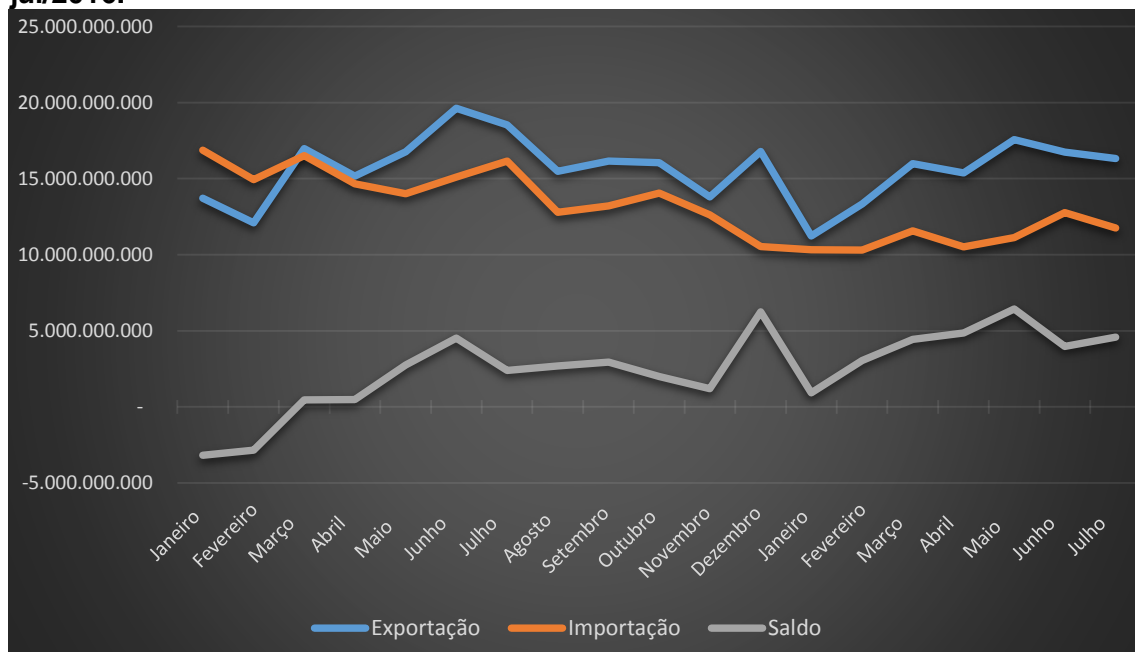
Exportação e Importação

Ilustração 49. Balança Comercial Anual, Brasil, em US\$ FOB, 2000-2015.



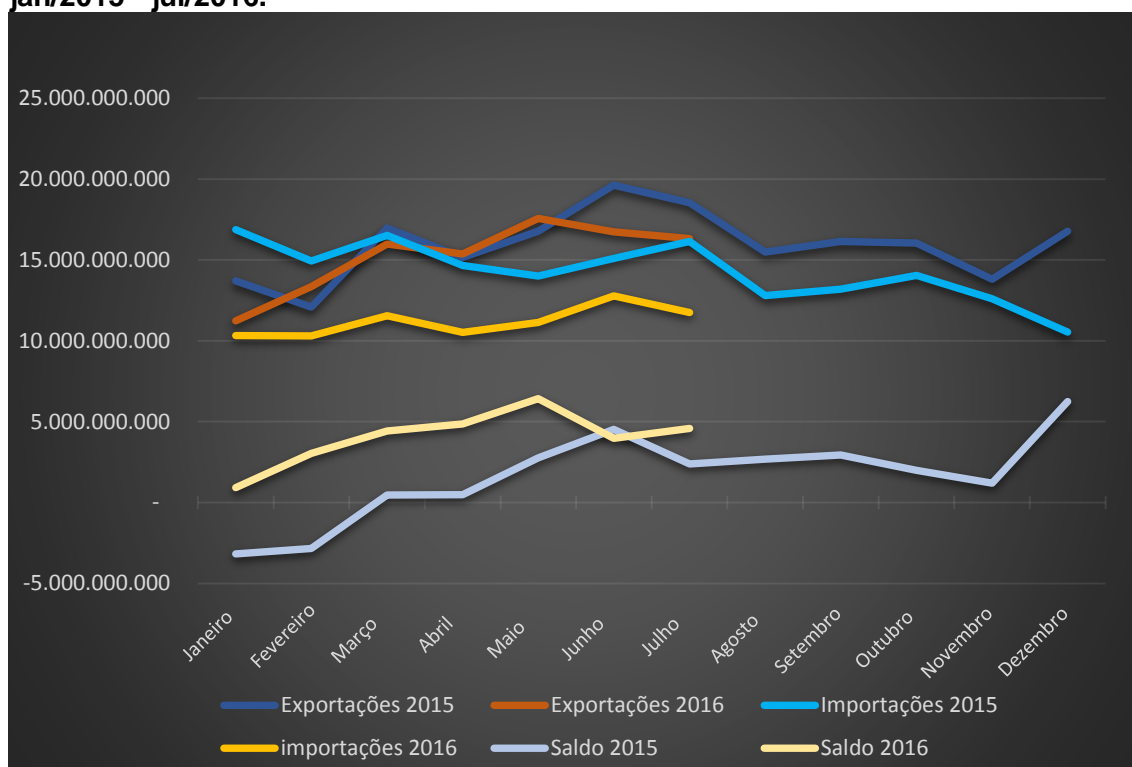
Fonte: MDIC, Secretaria de Comércio Exterior, 2016.

Ilustração 50. Balança Comercial Mensal Contínua, Brasil, em US\$ FOB, jan/2015 - jul/2016.



Fonte: MDIC, Secretaria de Comércio Exterior, 2016.

Ilustração 51. Balança Comercial Mensal Comparativa, Brasil, em US\$ FOB, jan/2015 - jul/2016.



Fonte: MDIC, Secretaria de Comércio Exterior, 2016.

No comparativo da **Ilustração 50** é possível inferir a redução das exportações em termos de dólar FOB. O que significa que, com o dólar desvalorizado, o Brasil, que exporta em sua maioria produtos primários ou com manufatura mínima, tem enviado maior quantidade de produtos ao exterior (**Tabela 3**), mas recebe menos dólares por tais produtos (**Tabela 2**). Por outro lado, adquire menos tecnologia, pois os preços estão elevados por conta do real desvalorizado. Esse efeito câmbio ocorre em função de inflação (fruto da expansão creditícia) e todo contexto ruim da situação econômica brasileira, que inibe entrada de capitais externos e da valorização natural do dólar (dada pela economia dos EUA). As exportações em queda, pela perda do poder de compra do real, retraem a aquisição de produtos estrangeiros que se tornam mais caros por causa do efeito câmbio, pressionando a taxa de inflação.

É necessário explicar ainda que nesse caso, o saldo financeiro positivo que se vê, ao contrário do entendimento de parte dos economistas, é negativo para a economia brasileira, pois a elevação do saldo se dá pela redução maciça das importações. Isso, significa que os indivíduos e empresas brasileiras estão adquirindo menos produtos tecnológicos e insumos para manutenção da atividade produtiva nacional (maquinaria, ferramentas, combustíveis, produtos de refino químico, componentes e equipamentos eletrônicos, fertilizantes etc.) que são adquiridos de outros países e se tornam mais caros. Em termos simples, significa que a produção industrial interna, que precisa de constante renovação dada depreciação e manutenção técnica e ainda diversos insumos químicos e tecnológicos, está perdendo competitividade, o que significa produtos de pior qualidade e a preços mais elevados.

Tabela 2. Balança Comercial Brasileira Valores Mensais e Acumulados (Jan/Jul), 2015 - 2016, em US\$ Fob.

PERÍODO	EXPORTAÇÃO			IMPORTAÇÃO			SALDO		CORRENTE DE COMÉRCIO		
	2016	2015	VAR %	2016	2015	VAR %	2016	2015	2016	2015	VAR %
Janeiro	11.239.717.623	13.704.044.559	-17,98	10.322.251.778	16.873.839.267	-38,83	917.465.845	-3.169.794.708	21.561.969.401	30.577.883.826	-29,49
Fevereiro	13.343.461.879	12.092.230.670	10,35	10.302.784.817	14.932.172.572	-31,00	3.040.677.062	-2.839.941.902	23.646.246.696	27.024.403.242	-12,50
Jan/Fev	24.583.179.502	25.796.275.229	-4,70	20.625.036.595	31.806.011.839	-35,15	3.958.142.907	-6.009.736.610	45.208.216.097	57.602.287.068	-21,52
Março	15.991.811.272	16.978.968.634	-5,81	11.560.098.719	16.518.673.359	-30,02	4.431.712.553	460.295.275	27.551.909.991	33.497.641.993	-17,75
Jan/Mar	40.574.990.774	42.775.243.863	-5,14	32.185.135.314	48.324.685.198	-33,40	8.389.855.460	-5.549.441.335	72.760.126.088	91.099.929.061	-20,13
Abril	15.371.654.234	15.156.274.767	1,42	10.513.712.474	14.666.063.420	-28,31	4.857.941.760	490.211.347	25.885.366.708	29.822.338.187	-13,20
Jan/Abr	55.946.645.008	57.931.518.630	-3,43	42.698.847.788	62.990.748.618	-32,21	13.247.797.220	-5.059.229.988	98.645.492.796	120.922.267.248	-18,42
Maio	17.568.781.054	16.769.183.205	4,77	11.135.656.775	14.010.832.630	-20,52	6.433.124.279	2.758.350.575	28.704.437.829	30.780.015.835	-6,74
Jan/Mai	73.515.426.062	74.700.701.835	-1,59	53.834.504.563	77.001.581.248	-30,09	19.680.921.499	-2.300.879.413	127.349.930.625	151.702.283.083	-16,05
Junho	16.739.429.481	19.628.438.412	-14,72	12.768.918.215	15.099.376.197	-15,43	3.970.511.266	4.529.062.215	29.508.347.696	34.727.814.609	-15,03
Jan/Jun	90.254.855.543	94.329.140.247	-4,32	66.603.422.778	92.100.957.445	-27,68	23.651.432.765	2.228.182.802	156.858.278.321	186.430.097.692	-15,86
Julho	16.330.547.668	18.533.065.548	-11,88	11.752.460.350	16.146.430.379	-27,21	4.578.087.318	2.386.635.169	28.083.008.018	34.679.495.927	-19,02
Jan/Jul	106.585.403.211	112.862.205.795	-5,56	78.355.883.128	108.247.387.824	-27,61	28.229.520.083	4.614.817.971	184.941.286.339	221.109.593.619	-16,36

Fonte: MDIC, Secretaria de Comércio Exterior, 2016.

Tabela 3. Dez principais produtos exportados pelo Brasil, em quilograma (ordem em U\$ Fob), Jan/Jul 2015-2016.

Descrição (NCM)	Jan – Jul2016 (em Kg)	Jan - Jul2015 (em Kg)	Var. % 2016/2015
TOTAL GERAL	378.756.843.949	355.150.774.596	6,65
1 SOJA, MESMO TRITURADA, EXCETO PARA SEMEADURA	44.354.237.865	40.688.267.518	9,01
2 MINERIOS DE FERRO NAO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS	190.515.075.308	170.389.702.981	11,81
3 OLEOS BRUTOS DE PETROLEO	23.006.595.625	22.131.373.962	3,95
4 OUTROS ACUCARES DE CANA	12.715.306.240	9.780.500.576	30,01
5 PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO,SEMI/BRANQ	7.425.523.960	6.629.328.940	12,01
6 BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OLEO DE SOJA	8.487.925.234	7.985.976.334	6,29
7 CAFE NAO TORRADO,NAO DESCAFEINADO,EM GRAO	967.858.226	1.105.759.804	-12,47
8 PEDACOS E MIUDEZAS,COMEST.DE GALOS/GALINHAS,CONGELADOS	1.566.903.943	1.428.133.029	9,72
9 MILHO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA	13.295.257.054	6.583.773.864	101,94
10 CARNES DESOSSADAS DE BOVINO,CONGELADAS	573.949.076	514.076.197	11,65

Fonte: MDIC, Secretaria de Comércio Exterior, 2016.

Conclusão

Conforme exposto ao longo do relatório, a economia brasileira está em processo de depressão econômica. Os dados ilustram a dinâmica de piora em termos gerais. A situação fiscal do país não mudou significante no último quadrimestre, o governo continua arrecadando menos do que gasta, incorrendo em déficit nominal, recorrendo ao endividamento público, mantendo taxas de juros elevadas para tornar seus títulos públicos atrativos. Diante tal cenário, investimentos e consumo são restringidos e empreendimentos sem demanda genuína, realizada durante o período de expansão creditícia e taxa de juros menores, continuam indo à falência⁵ e fechando e/ou vendidos a prejuízo. Por outro lado, o consumo das pessoas tem sido fortemente restringido, devido à queda dos rendimentos e aumento do desemprego. E é justamente por isso que a inflação tem diminuído seu ritmo de crescimento, a base da redução do consumo e investimentos, conseqüentemente menos dinheiro entra na economia real e pressiona os preços.

O efeito câmbio, com o real desvalorizado, tem elevado a quantidade exportada em toneladas, pois, em termos simplórios, os produtos brasileiros ficam mais baratos, conseqüentemente exporta-se mais e recebe-se menos por produto. Entretanto, a preferência dos exportadores para a exportação, dado um câmbio desvalorizado, faz com que a quantidade destinada ao consumo interno diminua, fazendo os preços subirem (de alimentos básicos e remédios a produtos de tecnologia). Ainda, com menor renda, menor tende a ser a busca por serviços e menores tendem a ser aquisições do comércio, o que deprime o lucro. Desta forma, os empreendimentos com prejuízos, retiram-se do mercado, demitindo os funcionários deste setor.

⁵Levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) baseado em estatísticas do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), onde se verifica que em todo Brasil o comércio varejista brasileiro perdeu 67,9 mil pontos de venda com vínculos empregatícios nos seis primeiros meses de 2016. Comparando-se com 2015, houve 27,8 mil lojas fechadas no mesmo período. Mato Grosso sofreu baixa de 1,934 mil empresas do comércio varejista no 1º semestre de 2016. Comparado ao mesmo período de 2015 -quando foram extintos 354 estabelecimentos - o número de empreendimentos que deixaram a atividade este ano aumentou em 446,32% ou 1,580 mil unidades.

As exportações estão em queda, bem como as importações. O saldo, embora positivo, tem significado real negativo e implica em deterioração de maquinário, tecnologia e redução de aquisições individuais dado a retração da renda, bastante agravada pela perda do poder aquisitivo do real (câmbio desvalorizado).

Tendo esses argumentos exposto, os prognósticos para o curto e médio prazo não encontram respaldo econômico positivo. Quanto à possibilidade de ações políticas que visa retomada econômica, não há lógica econômica em novos estímulos creditícios, pois teriam que partir de reduções artificiais de juros, que estão altos por conta da inflação. Por outro lado, haveria uma tendência de saída de dólares do país, o que elevaria a cotação da moeda e tornaria aquisições de produtos externos mais difíceis ainda. Lembrando que reduções na taxa de juros ocorrem diante atuação do Banco Central, e isso significa criação de dinheiro, uma atitude inflacionária.

Enfim, em se tratando de racionalidade humana, partindo do caso dos EUA, não é por que os bancos estão abarrotados de dinheiro e os juros baixos (0,5%), que as pessoas irão procurar empréstimos. A confiança no governo em manutenção das regras e estabilidade são imprescindíveis para investidores.